



Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



Dos Direitos Humanos às Questões Civilizacionais III

Neste ano de 2019, consideramos os Direitos Humanos, e depois as Questões Civilizacionais relacionadas com os Direitos dos Animais.

Agora, vamos alargar o nosso olhar para a Natureza – para os Direitos da Vida, afinal. Pois essa vida, o biosistema de nosso Planeta, está hoje tão afetado pela ação humana, e ameaçado, que a ciência agora chama a erageológica em que vivemos o Antropoceno, a Era do Homem. Estas são Questões Civilizacionais, pois a civilização humana condiciona a forma como olhamos e tratamos o mundo à nossa volta. É essa forma de olhar que tem de mudar. Por exemplo, quando vemos uma planta, bosque, floresta, vemos árvores, folhas e flores, troncos, ramos e rebentos. Se pensarmos no subsolo, poderemos visualizar raízes. Mas esta é uma visão muito limitada e incompleta.

Nos anos 90, a ecologista canadiana Suzanne Simard registou adeterioração e morte prematura de rebentos de árvores quando os rebentos de outras espécies eram arrancados, indicando uma simbiose entre as várias plantas. Estudos confirmaram que uma árvore não existe isolada, a competir com outras à sua volta. Estão todas interligadas através de uma rede complexa de fungos que estimula a partilha de nutrientes, e até aente ajuda entre plantas quando uma está mais vulnerável. Uma colher de solo contém mais de 11 km de filamentos de fungos. Os resultados foram publicados em 1997, na revista Nature, dando origem a outro www – o wood wide web – e ao estudo da ecologia dosubsolo. ♦

IMPRÓPRIA Nasce e Homenageia Mulheres Com Nome Próprio

Três Noites de Cinema, homenagens, reflexão e muita desobstrução pedagógica, emocional e educacional aconteceu nos serões de 23 a 25 de Outubro

MARIA JOSÉ RAPOSO
UMAR.AÇORES

“IMPRÓPRIA”, da Associação Silêncio Sonoro, em parceria com o Município de Ponta Delgada, apresentou-se ao público na sua 1ª edição, Mostra de Cinema de Igualdade de Género, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, marcando o Dia Municipal da Igualdade de Género. Evento cultural, de intervenção social, de cariz colaborativo e de parcerias, pretende ser «imprópria» no que concerne a estereótipos de género, aos preconceitos e discriminações, desafiar o conservadorismo que a bruma arquipelágica «teima» em conservar e, abrir espaço de reflexão e assertividade cívica e igualitária.

A noite de 23 foi dedicada a 6 curtas-metragens de autoria estrangeira e homenagem a Clarisse Canha, nascida no Funchal, mas com o coração e residência



nos Açores desde 1980. Fundadora da UMAR- Nacional e pioneira da UMAR- Açores, hoje, Associação Para a Igualdade e Direitos das Mulheres. Assume-se como feminista de pensamento e ação, desenvolve ativismo no campo das desigualdades, nos direitos LGBT, impulsora de vários projetos de particular significado para as mulheres por estes Açores fora, fonte de inspiração e motivação para muitas mais mulheres e que através da sua timidez aparente e, calma inquietante nos permite partilhar com ela.

No dia 24, Raquel Freire foi a homenageada, cineasta, escritora e argumentista, já distinguida no Festival de Cannes. É profes-

sora convidada de universidades portuguesas e estrangeiras nas áreas de cinema. «Rasganço», 2001, filme denúncia da misoginia e das praxes, foi a sua longa-metragem apresentada.

No dia 25, foi a homenagem a Clara Queiroz, Comendadora da Ordem da Liberdade, licenciada em Biologia. Feminista, e muito dedicada a assuntos sociais e autora de inúmeros artigos sobre ciência e género e ciência e sociedade, autora de 2 excelentes livros: sobre Emma Goldman, publicado em 2008; e, sobre Mary Shelley, em 2014. Pela tarde foi também dia de quatro curtas e, à noite a longa-metragem, “Ela é a música” de Francisca Marvão.



A fechar o intenso e diversificado programa, o Concerto Calcutá!

O público correspondeu, encheu o anfiteatro da Biblioteca Pública, aplaudindo em todos os momentos e mostrando-se fiel e curioso com os caminhos desocultados que a IMPRÓPRIA pretende trilhar. ♦

Outubro 2019

Janela sobre o passado...

Apesar de algumas conquistas, no longo caminho que as lutas feministas ainda tinham a percorrer, emergiram os anos 60, do século XX, irrompendo, com eles, inúmeras transformações políticas, económico-sociais, culturais, mentais e tecnológicas.

Nos EUA — então na dianteira da modernização — veio a público, em 1963, o livro de Betty Friedan, intitulado *A mística da feminilidade*. Tratou-se de uma obra marcante que propiciou a muitas mulheres uma verdadeira consciencialização de que nada havia de “realização mística” no desempenho, quotidiano, das tarefas de dona de casa, nas rotinas dos pesados trabalhos domésticos e no desespero comum a tantas mães de família. Foi a própria experiência de vida da psicóloga,



SUSANA
SERPA SILVA

cofundadora e primeira presidente da National Organization for Women, que constituiu o mote para a publicação do referido livro, pois após ser mãe do segundo filho, Betty Friedan perdeu o emprego e tornou-se, como ela referia, uma stay-at-home mom.

Ao tentar descobrir se outras donas de casa se sentiam desapontadas como ela, fez uma importante pesquisa que a levou a incentivar muitas mulheres a rejeitarem o estereótipo feminino e a abraçarem causas e carreiras e a desempenharem um ativo papel político.

O estudo de Friedan pode ser cotejado com os resultados das pesquisas então efetuadas pelo National Opinion Research Center, da Universidade de Chicago, que demonstraram que, na sociedade norte-

americana, as pessoas mais felizes eram os homens casados, seguidos das mulheres solteiras, depois as mulheres casadas e, finalmente, os homens solteiros que eram, portanto, os menos felizes. Para esta feminista as mulheres estavam demasiado presas aos padrões e papéis femininos da época e, por isso, reprimiam o seu descontentamento, por não terem coragem de o admitir.

A perceção desta problemática, levou muitas revistas a publicarem artigos com títulos sugestivos, tais como: “Cinquenta e oito maneiras de conseguir que o seu casamento seja divertido”. Psiquiatras e sociólogos norte-americanos vieram a constatar que os problemas das mulheres casadas eram muito maiores do que os das solteiras. Como referia Margaret Sanger, psiquiatra e conselheira matrimonial, as mulheres precisavam de outra identidade para além de mãe e esposa; necessitavam saber que eram por si mesmas. ♦

susana.pf.silva@uac.pt